Adriana Alves

O menino que gostava das palavras faladas

ilustrações
Bruno Vieira

Pedro & João editores

Copyright © Adriana Alves & Bruno Vieira

Todos os direitos garantidos.

Adriana Alves (autora); Bruno Vieira (Ilustrador)

O menino que gostava das palavras faladas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 40p.

ISBN: 978-65-87645-51-3

1. Palavras faladas. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Olhar a vida. 4. Autora. I. Título.

CDD – 028.5

Projeto gráfico e Ilustração: Bruno Vieira
Revisão do texto: Gizah Garcia Leal
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

Adriana Alves

O menino que gostava das palavras faladas

ilustrações
Bruno Vieira

Pedro & João editores

Contam desde sempre que, em um querençoso lugar de nome Mairiporã, morava um menino muito serelepe que gostava das palavras faladas.

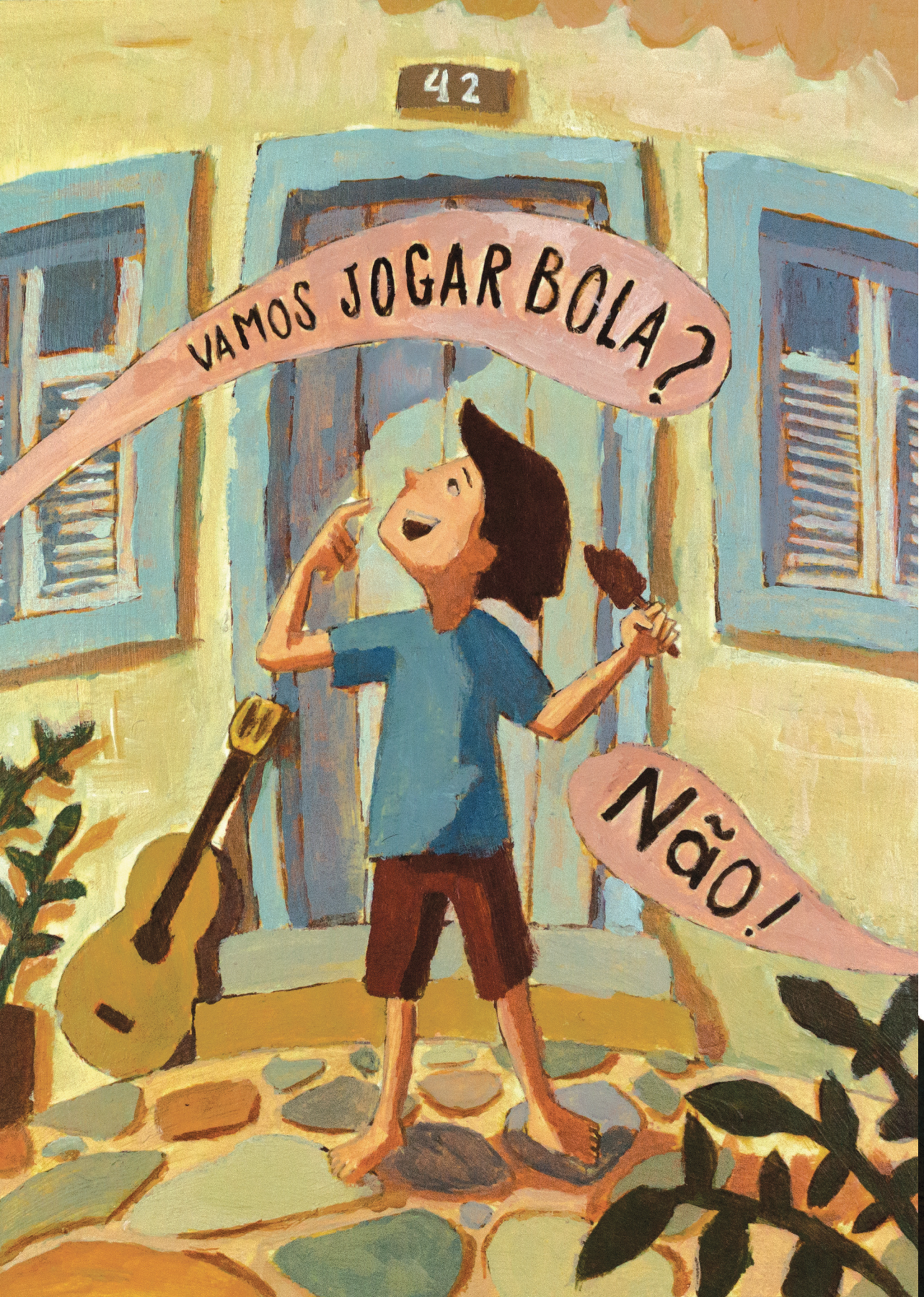
Mairiporã era uma verde cidade, dona de um raiar de sol que azulava ainda mais o incodificável céu que a embrulhava. Era tanto azul que adormecia os olhos do mar, que por ali nem se atrevia a morar.

As corajosas montanhas que a rodeavam pareciam brócolis gigantes e desafiavam o olhar dos que passavam por lá. Exibiam águas reluzentes e corriqueiros cardumes coloridos, uma ligeira convocação para refrescantes banhos em dias calorentos. As ruas, em terra aparente ou cobertas com paralelepípedos, eram chorosas em suas curvas e, de tão inclinadas, desenhavam escorregadores para a molecada brincar.

Os sorvetes? Contavam os sábios narradores de histórias que era lá, na barriga da cidade, que artesanalmente nasciam as receitas mais sonhadas por toda a gente. Os picolés da sorveteria da dona Maurinha paravam o tictac do relógio para um "huumm...".

Foi lá que nasceu o protagonista da nossa história, este espevitado que de vez em quando se pronunciará nesta trama: o menino que gostava das palavras faladas.

Palavras podem ser cantadas, escritas, desenhadas, gritadas, amarradas, silenciadas, coloridas... Ufa! Elas podem ser do jeito que a gente imaginar. Mas o menino da nossa história gostava daquelas faladas, aquelas que saem da nossa boca todos os dias: às vezes rapidinhas, algumas apenas pela metade, outras ainda quase não ouvidas. O garoto gostava das palavras comuns, mas não por isso fracas ou covardes.



Dizem que ele era assim: marrentinho de nascença, olhos de sol, nariz torto, boca fina, cabelos desacreditados de pente. Tinha cabeça de xícara, pés de asas, coração de doce de leite e pensamentos de rapadura.

Gostava de comer sonhos, consertar sua azul bicicleta e brincar de todas as brincadeiras que o tempo e o corpo permitiam. Dentro de si, carregava pensamentos de alegria e sentimentos de coragem. Fazia da rua o quintal da sua casa e brincava até o findar do entardecer com os tantos amigos que com ele conviviam naquela cidade bonita.

Eram muitos os amigos e amigas; contando, não cabem na palma de uma mão. O mais engraçado eram os apelidos dos meninos: tinha o Galo Cego, o Dico, o Franguinho, o Muçarela, o Cabeça, o Vai com Tudo, o Giz, o Guizinho, o Risada, o Lobisomen, o Lobão, o Bolão, o Fofão, o Quico, o Laranja e...Todos formavam uma das mais animadas turmas do bairro.

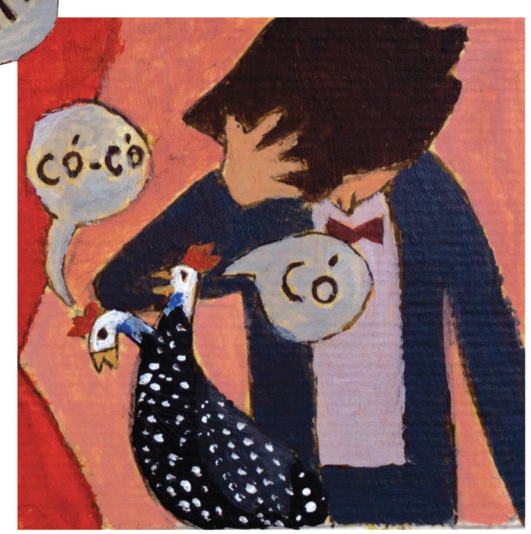
Um bocado deles morava lá no outro canto da cidade, e uns, mais perto da casa do menino. O Galo Cego e o Franguinho viviam na rua debaixo; já o Dico e o Muçarela, era só atravessar o beco. Estes estavam envolvidos em quase todas as peripécias acontecidas naquele lugar. As amigas que ele mais gostava eram: a Malu, a Dani, a Paulinha, a Ériquinha e a Sofia! Elas residiam bem pertinho da casa do menino, era possível chamá-las para brincar já com os pés agarrados às ferragens do portão e sem, ao menos, aumentar a voz.

A tímida pracinha da alegria era o ponto de encontro da meninada. Lá aconteciam as primeiras decisões: iriam pescar? nadar? jogar bola? esconde-esconde? amarelinha? pular corda? andar de bicicleta? Era um mundo de possibilidades sem fim. Todos podiam falar, e vencia a brincadeira mais desejosa pelo grupo.

Ouvi dizer que o gosto por brincadeiras era certo
porque o menino havia nascido no dia mundial do
brinquedo. Desde então, ficou conhecido como o maior
brincador de todos os tempos!

Por isso, as brincadeiras só terminavam mesmo com
muito pesar: era quando o sol se despedia do clarão do
dia, o anoitecer era anunciado e, ao longe, a mãe gritava:

"Menino, vem pra casa!"
E com derradeira alegria, a turma respondia:
"Só mais um pouquinho!"
Queriam aproveitar até o último restinho de tempo.
E o tempo? Ele também só tinha um desejo: brincar,
brincar e brincar.



O menino brincava com tudo o que via, ouvia e sentia, inclusive com as palavras, que também brincavam com ele! Elas não queriam sair da boca e, de quando em quando, enrolavam a sua língua. Corriam boatos de que ele poderia ser gago.

Faço fé de que ele gostava de brincar com palavras faladas de todos os tamanhos e jeitos: baixinhas, discretas, alegres, cantadas, gritadas e até mesmo com aquelas mais temidas, como "Banho"! Sim. O menino, se não vigiado pela mãe, pulava o dia de banhar-se. Era um pulador! Mesmo nessa hora, ele brincava com a água do chuveiro e imaginava países, personagens e importantes batalhas travadas entre sabonetes e espumas. Era um imaginador!

De volta às palavras, como eu estava dizendo, as gagas eram como borboletas, difíceis de apanhar. Eram longas por demais e tropeçavam em sua boca.

E mais: as palavras gagas eram apressadas em sua cabeça. Quase sempre ficavam amarradas em sua língua. Aquelas que tremiam custavam mais tempo para escorregar em sua garganta. Mas todas ganhavam vida, mesmo aquelas que moravam apenas em seus pensamentos.

"As palavras existem em mim, e a turma já sabe, porque a gente brinca todos os dias! Quando o Dico quer falar no meu lugar, eu grito: Paaara, eu consigo!."

O menino não desistia de todas as palavras porque elas moravam no seu coração. Sabia que poderiam dizer seus sentimentos, especialmente quando os olhos não conseguiam falar de si. Elas alcançavam os ouvidos mais rapidamente, embora nem sempre mostrassem o que desejava dizer.

Quando estava triste, as palavras pareciam aperreadas e minguadas. Por vezes, quase invisíveis. Já as lágrimas conseguiam falar muito mais. Ele sabia que às vezes elas aumentavam o olhar, os gestos e as vontades. E, nesse caso, eram possantes e necessárias.

Era comum os colegas da rua completarem os sons que ficavam emperrados na sua garganta. No entanto, nem sempre eles acertavam.

Não é mexerico, não, mas lembro de uma ocasião em que observava o menino conversar com o Dico.

"Você gosta deeecho-cho?"
"Choque!, disse o Dico."
E começou a beliscar o menino.
"Nãooo! Cho-chocolate. Chocolate!"

E foi assim que começou a brincadeira dos beliscões e das cócegas.

Viu? Quem gosta de fofoca certamente dirá que as palavras faladas são... são como brincar de pipa. Quando o vento fica muito bravo, elas dançam no ar. Para o menino era assim.

Teve um dia, em especial, em que ele mais precisou das palavras faladas, e elas não apareceram. Foi numa tarde comum, quando a bonita Liliane caminhava pela rua e ele, ligeiro em seus desejos gritantes, enxergou o sonho de convidá-la para brincar e oferecer-lhe uma margarida. Mas seus olhos arregalados paralisaram, e sua aprisionada boca chiou tão somente: "Li".

E foi assim que seus olhos gritaram o que a boca não conseguia dizer.

Será que as palavras moravam em uma casa muito distante e não conseguiam chegar a tempo? Será que cansavam porque eram faladas por tantas pessoas no mundo e, por isso, quando chegavam em sua língua, já estavam exaustas? Seus pensamentos insistiam como vontade brincante.

Algumas pessoas queriam ajudar o menino. A velha vó Celeste, com os bolsos do vestido carregados de balas, era uma delas: acreditava que poderia curá-lo da teimosa gagueira.

Era comum ele visitá-la às tardes. Numa delas, quando adentrava a casa para comer um pedaço de bolo de cenoura feito carinhosamente pela querida vó, foi surpreendido com uma colher de pau em sua cabeça.

“Aaaiiiiii! O que-e-e é isso, vó?”
“Fala ‘doce de abóbora’!”
“Aiiii!”
“Fala “doce de abóbora”, menino!”
“Do-do-do-doce de abóbora.”

Com medo de ser atacado de novo pela colher de pau, o menino correu, correu tanto, mas tanto que o vento alisava seu magro corpo sedento de liberdade.

Na fuga para casa, pensou que gostava mesmo das palavras faladas, mas não aquelas que teimavam em ficar em sua garganta, e sim aquelas que livremente escorriam como água na boca.

Facilmente escorregavam quando ele cantava:
“Pirulito que bate bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu”.

Na cantoria, ele se deu conta de que as palavras não tremiam. Pensou que elas gostavam de música, quem sabe de dança também. Por isso, sentiu-se alegre: pela primeira vez ele as ouviu deslizar pela língua.

Com desmedido olhar, imaginava as nuvens do céu em formas de palavras dançantes. Porque dançavam, misturavam-se umas às outras, nascendo assim inventados dizeres. Por exemplo: difícil e fácil virava“difácil”, salgado e doce era “saldoce”, pirulito que voava se transformava em “voalito”. Eram muitas as brincadeiras com as palavras. Assim, lindamente nascia o “brincanino”.

Contente, imaginava uma amarelinha no chão da rua. Pulava entre os paralelepípedos azuis e brancos e, saltando-os alternadamente, cantava:

"Sapo cururu
Na beira do rio
Quando o sapo canta, ó maninha
É que está com frio."

Com os pés nas nuvens e a cabeça ao vento, retornou a casa da avó para contar aquela descoberta feliz. Ao chegar, de novo foi surpreendido, mas agora com um jato de água no rosto e, logo em seguida, um garfo e uma faca colocados em forma de cruz em sua direção:

> "Você não será mais gago! Você não será mais gago!" O menino ficou todo molhado. E sua avó insistentemente apontava uma faca e um garfo em forma de cruz em sua testa!

Paralisado, gritava o menino:

> "Ca-ca-ca calma, vó! Para!"
> "Fala 'doce de abóbora'."
> "Num-num-num-num, não! E ee-eu vou can-cantar"
> "Um, dois, feijão com arroz
> Três, quatro, feijão no prato
> Cinco, seis, feijão inglês
> Sete, oito, comer biscoito
> Nove, dez, comer pastéis."

A esperançosa avó observou o menino cantar com alegria e admiração:

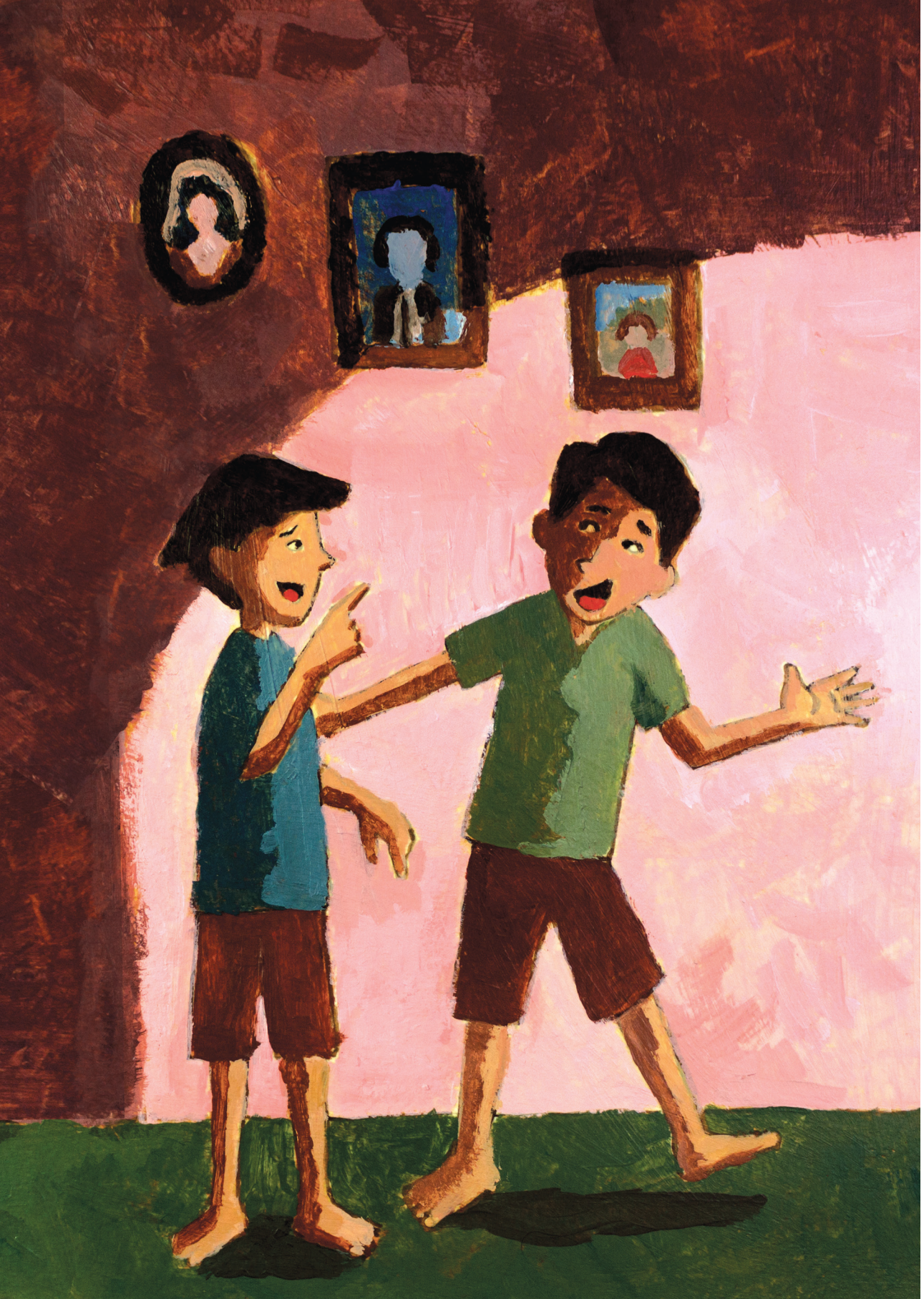
> “Meu querido, você não está mais gago!”
> “É é-é-é só quando canto, vó.”
> “Meu neto, vou lhe dizer uma coisa muito importante: quando as palavras tremem em sua garganta, é porque elas querem ser música.”

Ele bem que desconfiava daquela descoberta e, com olhos de caramelo, disse:

> “Então vou ser músico. Assim posso ajudar as palavras em seus desejos!”

Naquela tarde amarela, ao saltar de um abraço comprido da vó Celeste, suas pernas correram pelas ruas de Mairiporã enquanto o peito carregava uma felicidade como nunca sentira antes. O menino descobriu que as palavras faladas, tropeçadas e tremidas eram prenhes de músicas! E ele adorava músicas! E gritava a cantoria:

> “As flores já não crescem mais
> Até o alecrim murchou
> O sapo se mandou
> O jacaré morreu porque o ribeirão secou.”



Ao chegar em casa, apressadamente, disse ao irmão:

"Ir-irmão, quando e-e-e-eu canto, não fico gago!"

E o irmão:

"Tá bom, mas vamos brincar?"

O menino percebeu que para o irmão brincador o mais importante era a companhia e as aventuras que juntos viviam.

"Ir-irmão,va-vamos nadar na represa? Va va-vamos pescar? Caaadê o seu pião? Minhapi-piipa furou. Quer an-an-andar de bicicleta? Vam-vam-vam–mos, irmão? Porque você não fala?"

O irmão apenas olhou e disse:

"Vamos brincar! Vamos?"

Juntos, foram brincar na rua e encontrar o Galo Cego, o Fofão, o Dico, o Muçarela, o Vai com Tudo, o Risada, o Bolão, a Dani, a Paulina, a Sofia...

O menino serelepe mais alegre ainda ficou. Sabia que brincaria com as palavras gagas durante toda a sua vida porque poderia musicalizá-las.

Imaginou um mar de música!

As palavras seriam embaladas ao som das músicas como se dançassem em sua boca tais quais as ondas do mar, pulsantes em seu ritmo cadenciado e esperançoso. Hummm... um horizonte para elas nascerem com outras cambalhotas.

Adriana Alves é campineira e filha da Lourdes e do Carrilho. Gosta de café, amigos e de ver o mar. Publicou "margem e refúgio", seu primeiro livro de poemas, em 2015. Atualmente é professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Bruno Vieira é carioca de nascença e petropolitano de coração. É filho da Rosilda e do Silas, irmão do Fabiano, marido da Jaqueline e pai da Laura Virgínia. Desenha desde criança e adora bolinho de chuva. Ilustrou livros paradidáticos para a Faculdade de Letras da UFRJ e já fez animações para o IBqM/UFRJ. Atualmente é professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Este livro sensível, singelo e cativante, é produto da parceria do Bruno e da Adriana, com imagens e palavras que nos dizem muito sobre a vida simples e pacata de crianças, meninos e meninas, de cidades do interior do Brasil. Com suas brincadeiras e brinquedos, construídos no seio da cultura popular infantil, o personagem principal, em suas relações com as palavras e as imagens presentes na trama criada pelos autores – das palavras e das imagens – leva a nós, seus leitores e leitoras, ao mundo de muitas crianças que vivem, em sua inteireza, a potência da imaginação e o afeto das relações humanas. "O menino que gostava das palavras faladas" são todos e cada um, das muitas crianças que fomos e, também, das muitas crianças que, de algum modo, ainda habitam cada um de nós. Boa leitura!!!

(Guilherme do Val Toledo Prado, professor, pai da Manuela e do Felipe, esposo da Luciane, leitor fervoroso, admirador do trabalho da Adriana e do Bruno - Campinas, 31 de julho de 2020).